

O IMAGINÁRIO DA MATEMÁTICA NA OBRA ARITMÉTICA DA EMÍLIA DE MONTEIRO LOBATO



Vol. 12 Número 24 Jan./Abr. 2017

Ahead of Print

THE IMAGINARY OF MATHEMATICS IN THE ARITHMETIC WORK OF EMILIA DE MONTEIRO LOBATO

Adriel Gonçalves Oliveira¹

Luzia Batista de Oliveira Silva²

RESUMO: Este artigo objetiva investigar conceitos acerca do imaginário matemático na obra *Aritmética da Emília*, de Monteiro Lobato. De fato, ainda nas primeiras páginas do livro, aparecem expressões como “o país da matemática”, “a terra dos números”, em referência à Aritmética. Aliás, é isso que a composição do título do livro feita com os termos “aritmética” e a expressão “da Emília” sugerem. Nas palavras de Lobato, Aritmética é aquilo que compõe um dos gomos de uma laranja azeda chamada matemática. Chupar essa laranja seria extrair o suco da razão. Mas tanta razão poderia não interessar ao público a que Lobato destinou seu livro – as crianças. Por isso, o nome do referido romance articula-se com a expressão “da Emília”, para adocicar com o tempero da imaginação viva e questionadora, o rigor azedo da ciência. Pois uma Aritmética do Visconde seria uma expressão redundante, uma vez que esse personagem é símbolo do pensamento científico, na obra do escritor. Por certo, ao longo do romance, quem desempenha o papel de professor da turma é o Visconde. No entanto, a Aritmética sai sob o nome de Emília, devido à molecagem aprontada pela boneca, que alterou o nome do “verdadeiro” autor nos manuscritos da aritmética.

PALAVRAS-CHAVE: imaginário, aritmética, Monteiro Lobato, educação.

ABSTRACT - This article investigates concepts about the mathematical imaginary at work *Aritmética da Emília* (Emília's Arithmetic) by Brazilian writer Monteiro Lobato. Indeed, the book shows us some expressions such as "the country of mathematics", "the land of the numbers" in reference to

¹Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) "Júlio de Mesquita Filho" (2010). Membro do Grupo de Pesquisa em História, Filosofia e Educação Matemática (HIFEM-UNICAMP). Possui experiência na educação básica: professor de matemática na Escola Municipal "Cecy Aparecida Rocha de Aguiar," em Santa Gertrudes-SP em 2013; professor na Escola Municipal Agrícola "Engenheiro Rubens Foot Guimarães", em Rio Claro-SP, em 2011; professor de reforço no Colégio Jean Piaget, Jundiaí-SP, em 2010. Monitor da disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado II, vinculada ao curso de licenciatura em Matemática, no ano de 2010. Atualmente, é professor da Universidade São Francisco atuando nos cursos de Odontologia, Ciências Contábeis e Psicologia. Ademais, cumpre estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Stricto Sensu da Universidade São Francisco (USF).

²Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; Pós-doutorada em Antropologia pela PUC/SP e Pós-doutorada em Filosofia pela Université de Bourgogne ? Dijon/França. Docente na Universidade São Francisco nos cursos de Graduação e Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia e Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia, filosofia da educação e educação; teoria crítica e educação; estética, ética, epistemologia e educação; poéticas da infância e educação; narração, educação e formação superior; imaginário e violência escolar

Arithmetic. In fact, title of the book, composed by these two expressions, the term "arithmetic" and "Emília" suggest. In the words of Lobato, arithmetic is one of the buds of a sour Orange named mathematics. However, too much reason could not interest the public which Lobato intended his book - children. So the name of that romance is linked to the term "Emília" to sweeten with the spice of living and questioning imagination, sour rigor of science. Arithmetic of Viscount would be a redundant expression, because this character is a symbol of scientific thought in the writer's work. Certainly, throughout the novel, who plays the role of class teacher is the Viscount. However, the arithmetic comes out under the name of Emília which changed the name of "true" author in the manuscripts of arithmetic.

Este artigo teve como questão disparadora de nossa reflexão um trecho da obra *Aritmética da Emília* (2009), do escritor brasileiro Monteiro Lobato. Nessa obra, a Matemática se constitui para o escritor como um campo fértil, uma terra habitável, com seus atrativos e complexidades; a Matemática é referida várias vezes como uma "linda terra", possivelmente uma alusão do autor ao território do pensamento lógico, como ele mesmo pontua, o "País da Matemática", isto é, um lugar onde nosso cérebro faz morada, e também o lugar em que podemos plenamente idealizar, a fim de povoar o imaginário infantil com conceitos matemáticos, e ao contrário do que acontece, o medo no aprendizado da matemática pode ser vencido, cujo encanto pela Matemática se delinea numa história perpassada pela literatura poética da infância, sendo fundamental uma linguagem da infância que nomeia e dá sentido ao vivido, ao experienciado da vida, afigurando-se numa linguagem como material de resistência na educação da infância. Mas, uma vez que Lobato não era um especialista da área de matemática, e sim um escritor consciente e encantado por esta, sabedor de sua relevância na formação das pessoas, isso nos provocou a pensar acerca da existência de um imaginário da matemática, ou seja, um imaginário sobre o que é a matemática, especialmente sob a ótica de uma boneca-criança, Emília ou se pode conceber aqui a ideia de uma criança que contesta, que coloca argumentos de resistência aos ensinamentos, muitas vezes estereotipados dos adultos.

— Achei uma linda terra que ainda não visitamos: o País da Matemática! (...) A terra da Matemática – dizia ele (visconde) – ainda é mais bonita do que a Terra da Gramática, e eu descobri uma Aritmética que ensina todos os caminhos. É lá o País dos Números (LOBATO, 2009, p.15).

Ora, temos com Lobato as similaridades das áreas, a brincadeira do habitar as palavras e os números. O homenageado aqui parece ser Parmênides, dada a relevância dos números para o ser humano e para a vida.

Quem habita, habita um espaço, lugar, Emília viajou e habitou a terra da gramática em outras obras do escritor, agora, parece visitar e habitar o país da matemática ou a terra da matemática, ou ainda, o país dos números. Os nomes já nos remetem para uma poesia do habitar mais feliz por tratar-se de conhecimento.

Entretanto, quem habita o país dos números além da Aritmética (da Emília) e os próprios números? Se lançarmos ao ar a pergunta – o que é um número? –, de maneira simples, objetiva e direta, obteremos as mais variadas respostas possíveis, que dependem evidentemente do lugar de onde o interlocutor fala e concebe a sua visão de mundo. Distinguiremos aqui, para fins didáticos, dois pontos de vista em relação à matemática, os quais se podem pensar segundo dimensões distintas, o que não impedem de responder à pergunta proposta de modo similar. Vamos considerar o ponto de vista do personagem Visconde de Sabugosa em relação à matemática, representando o matemático puro, abstrato, positivista; e o ponto de vista da boneca Emília em relação à matemática, pautada no lúdico, na brincadeira, numa matemática disposta a elaborar e reelaborar conceitos e

pensá-los a partir do ponto de vista de quem apreende e não exatamente de quem a ensina. Vale lembrar que essa pergunta nos é relevante porque respondê-la implica elaborar um debate acerca do imaginário matemático que povoa a obra *Aritmética da Emília*.

À pergunta sobre o que é um número, responderia o Visconde de Sabugosa que número é um objeto matemático e só deve ser reconhecido num contexto matemático. A palavra “número” não deve ser definida isoladamente, e sim no contexto de alguma proposição. Assim, os números são representados numa linguagem por meio de esquemas numéricos. Isto é, os esquemas numéricos da linguagem são tomados como aquilo que conhecemos, restando aos números apenas o papel de os representarem. Nesse sentido, a ciência aritmética atua de maneira similar a uma gramática. A Aritmética é uma espécie de Gramática dos números. Essa resposta de Visconde convergiria para a de Emília, nosso objeto de investigação.

Para enunciarmos a resposta de Emília a essa questão, elaboramos uma discussão sobre a *Aritmética da Emília* articulada com alguns desdobramentos dessa questão.

A boneca Emília começaria nos respondendo à questão dando margem para incontáveis situações, e lembrando-nos do lugar de onde ela fala, obviamente, o país da Aritmética da Emília. Ora, ela poderia também objetar que a justificativa em virtude da qual essa abordagem em relação à Matemática — referindo-a como algo tão idealizado, quase platônico, na *Aritmética da Emília* (1935) — ocorre, talvez, porque a primeira edição da obra em questão, seguiu-se à *Emília no País da Gramática* (1934). Tanto que o começo da obra sobre matemática retoma alguns conceitos da obra sobre língua portuguesa, numa brincadeira poética, num ditirâmico, em que o personagem Visconde de Sabugosa, ao gritar “Heureca!”, tal como fazem os cientistas, os inventores, os desbravadores de coisas no mundo do desconhecido, é questionado com admiração pela boneca Emília:

- O Visconde achou! — repetia a boneca entusiasmada. — o danadinho achou!
— Mas achou que coisa, Emília?
— Não sei. Achou, só. Quando entrei na sala, encontrei-o batendo na testa e exclamando: “Heureca!”. Ora, *Heureca* é uma palavra grega que quer dizer “achei. Logo, ele achou.
Dona Benta pôs as mãos na cintura e com toda a pachorra disse:
— Uma boneca que já andou pelo País da Gramática deve saber que Achar é um verbo transitivo, dos tais que pedem complemento direto. Dizer que achou não forma sentido. Quem ouve pergunta logo: ‘Que é que achou?’ Essa coisa que o achador achou é o complemento direto do verbo achar (LOBATO, 2009, p. 14)

Lobato adentra o mundo da matemática apontando para a criança que a gramática também está presente, que é parte do sentido que se busca e se constrói na matemática; assim como uma palavra como o verbo “achar” não tem sentido sozinho, também um número sozinho pode não ter nenhum sentido. E embora tal objeção seja plausível, não podemos nos esquecer de que, na verdade, Lobato cumpria um desejo do coração das crianças que iam às escolas e nem sempre tinham livros; outras sequer poderiam imaginar que a gramática ou a matemática podiam ser material de aprendizado e também de questionamentos e até de “diversão” para uma criança, na época em que os seus livros foram publicados. Nas palavras do autor

Numa escola que visitei a criançada me rodeou com grandes festas e me pediram: ‘Faça a Emília do país da aritmética’. Esse pedido espontâneo, esse grito d’alma da criança não está indicando um caminho? O livro como o temos tortura as pobres crianças — e no entanto poderia diverti-las, como a gramática da Emília o está fazendo. Todos os livros podiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil. A química, a física, a biologia, a geografia prestam-se imensamente porque lidam com coisas concretas. O mais difícil era a gramática e a aritmética. Fiz a primeira e vou tentar a segunda. O resto fica canja (LOBATO apud NUNES, 1986, p. 96).

Por outro lado, não podemos perder de vistas a leitura interpretativa que considera essa sequência de livros uma sutil estratégia, usada por um escritor do quilate de Lobato, de acomodar sim, pontos de vista em que Aritmética e Gramática aparecem como semelhantes. Assim, a aritmética assume funções de uma mera gramática dos números. Pois, nesse caso, não haveria outra forma de justificar, por exemplo, quanto é $1+1$ além de argumentando que basta aplicar a tabuada da soma segundo a qual $1+1=2$ (OLIVEIRA, 2015). Por isso, ao mesmo tempo em que podemos pensar que Lobato defendeu com unhas e dentes a Escola Nova, também acatou ideias aparentemente contrárias a essa mesma escola, com uma pedagogia também engessada, haja vista eram frequentes os recursos à memorização de tabuada da soma, da subtração, da multiplicação e da divisão, recursos de memorização denunciados de certa forma nos capítulos *A Primeira Reinado, A Segunda Reinado, A Terceira Reinado e Quindim e Emília*.

Assim, pode-se pensar que Lobato reuniu nesse livro as mais diversas contradições filosóficas e pedagógicas da época em que o escreveu, confrontando a tradição didática do ensino conservador com o movimento renovador da Escola Nova, por vezes, oscilando entre o caráter inovador de sua proposta pedagógica e recaindo nas práticas professorais de sua contemporaneidade. Com efeito, o nome *Aritmética da Emília* compõe uma articulação entre esses dois termos: o que quer que se entenda por Aritmética comprometida com a expressão de ser “da Emília”. Mas o que significa a expressão “da Emília”? Com vistas que o título de um livro se apresenta como chave interpretativa para a compreensão de seu conteúdo, sentimo-nos autorizados a fazer uma breve incursão pela vida e obra de Monteiro Lobato, articulada com a história da literatura e literatura infantil no Brasil, justamente para que haja uma maior compreensão do que significa a expressão “da Emília”. A Semana de Arte Moderna de 1922 contribuiu e marcou fundamentalmente o olhar e as posturas de Lobato no que tange à arte e à educação e a relação entre elas. Sob um primeiro olhar, parece curioso que Lobato, um respeitado e engajado escritor, tenha se recusado a participar do movimento que inaugurou o modernismo em terras brasileiras. Na verdade, Lobato não concordava com o excesso de europeísmos que as ditas vanguardas europeias conferiam à arte brasileira. Defensor de uma arte que deveria ser moldada e praticada no Brasil, Lobato escreveu um artigo, intitulado *Paranóia ou mistificação?*, que foi publicado em 1917 pelo jornal o *Estado de São Paulo*, no qual ele teceu conturbadas críticas à exposição da então jovem pintora, Anita Malfatti (1889 - 1964), acusando-a de produzir uma arte embasada no impressionismo alemão, que não passava de uma arte apenas caricata e teratológica, fruto também das insanidades advindas do cubismo de Pablo Picasso (1881 - 1973).

Recôndita por trás desses argumentos havia a ideia de se criar um sentimento de brasilidade, que conferisse maior vigor ao sentimento de nação. Por isso, também, Lobato, no início de sua produção de literatura infantil, voltou-se para o folclore nas figuras simbólicas do saci, da cuca edo lobisomem, para ficarmos apenas com estes três exemplos. Essa atitude simples da parte de Lobato já configura uma importante inovação no cenário da história da literatura infantil brasileira. Esse tipo de literatura transformou o panorama brasileiro de literatura infantil, até então fortemente marcado por seu caráter realista e veiculador de preceitos morais cristãos (cf. GOUVÊA, 2001). A literatura infantil brasileira datada da época anterior a Lobato era feita sobretudo a partir de adaptações dos modelos europeus, sendo às vezes mera tradução portuguesa de algum clássico da literatura infantil europeia. Além disso, resguardava um caráter moralizador-burguês muito forte. É o caso, por exemplo, de *Contos da Carochinha* (1896), de Figueiredo Pimentel (1869 – 1914), que pode ser considerado o primeiro livro infantil publicado em português, no Brasil, embora sejam releituras de Perrault, Grimm e Andersen; *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, de orientação nacionalista, com humanismo sentimental piegas e que reafirma constantemente valores morais burgueses, como a importância da família. Nesse sentido moralizante, em 1919, foi publicado o livro *Saudade*, de Thales de Andrade (1890 – 1977), em cuja trama

aparece uma família que, trocando a vida rural pela urbana, enfrenta inúmeras dificuldades e, por fim, retorna ao campo, onde reencontra a felicidade. O livro trata da aceleração do êxodo rural. Enaltece a vida no campo, dignifica o ser humano que tem apego pela roça. (cf: COELHO, 1981).

Numa correspondência de 1916, Lobato confessou a seu amigo Godofredo Rangel sua enorme vontade de “mexer nas moralidades” das obras infantis europeias (LOBATO, 2010). Com essa “mexida” na moralidade, começou a saga do *Sítio do Picapau Amarelo*. Nela, discutem-se tanto um suposto divórcio entre Emília e o marquês de Rabicó, com quem a boneca se casaria pelo interesse no título da nobreza, quanto a viuvez de Narizinho, consequência de Tia Nastácia ter fritado seu esposo Príncipe Escamado. Curiosamente, Lobato, tal como o modelo europeu de literatura infantil, também se apropriou de uma suposta “realidade”, mas, ao invés de reis, príncipes e princesas – até porque o Brasil não vivia um regime monárquico – aparecem personagens mais verossímeis, como viscondes e marqueses, quase sempre em tom de deboche, pois o marquês de Rabicó é, na verdade, um porquinho guloso e o visconde de Sabugosa, uma intelectual espiga de milho. Cabe lembrar que a espiga de milho servia para algumas crianças das fazendas/roças como uma boneca para se brincar.

Nota-se que Lobato enchia suas histórias de imaginação, dialogando com as crianças a partir de realidades vividas no país e de um vocabulário que ia ao encontro daquele utilizado por crianças da época. Em *Dom Quixote das Crianças* (1940), Lobato sugere uma crítica acerca da escrita rebuscada, utilizada na literatura infantil daquela época.

'Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga e galgo corredor'.
— Ché! — exclamou Emília. — Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! Vou brincar de esconder com o Quindim.
Lança em cabido, adarga antiga, galgo corredor. . . Não entendo essas viscondadas, não... (LOBATO, 1940, p. 16)

Quanto à imaginação, do ponto de vista bachelardiano, tomamos as palavras de Gaston Bachelard, na obra *O Ar e os Sonhos* (1990, p.17) a fim de destacar o nosso olhar e compreensão sobre a mesma, por isso destacamos o seguinte comentário do filósofo: "Propomos que se considere a imaginação como um poder maior da natureza humana... A imaginação, em suas ações vivas, nos desliga ao mesmo tempo do passado e da realidade. Aponta para o futuro".

Atrele-se a esse eficaz uso da imaginação o dialogar com as crianças, a adoção por parte de Monteiro Lobato dos ideais da Escola Nova (já referidos aqui), mas especialmente a adoção de um imaginário cômico, em que o deboche e a desfaçatez também são partes do aprendizado das crianças, ainda que os adultos insistissem em lições rebuscadas, polidas e exageradas. Lobato defendia que a maneira lúdica de aprender, com a criança ativamente relacionando-se com o conhecimento, era muito mais válida do que a tradição educacional em que a memorização do conhecimento de modo geral era priorizada, da qual ele mesmo fora aluno e sabedor dos seus efeitos na vida adulta. Acusava indiretamente a Escola Tradicional de trazer danos à aprendizagem, talvez por isso, construiu sua literatura no sentido de contribuir ou advertir pais e educadores para a educação da infância em que o lúdico não fosse ignorado, pois em se tratando de memória, do que Lobato se recordava além dos bocejos frente a uma profusão de datas insignificantes?

Apenas de um dos nossos “fatos históricos” guardei memória alegre: - um bispo Sardinha que naufragou nas costas do Norte e foi devorado pelos índios. (...) Como me pareceu natural que os índios comessem um homem de tal nome... (LOBATO,

2009, p. 101)

Desse modo, Lobato acatou de maneira muito particular a nova pedagogia da Escola Nova para escrever as suas histórias. Por exemplo, quando os algarismos arábicos vão visitar os personagens do *Sítio do Picapau Amarelo*, em *A Aritmética da Emília* (1935), a boneca questionou o porquê de o 1 ser o pai de todos os números e, depois de o Visconde explicá-lhe o motivo, ela concluiu que “os outros algarismos são feixes de uns!” (LOBATO, 1944, p. 18). Essa colocação da Emília que apela para uma representação por imagem e pelo agrupamento de “uns” para a composição de números, indica uma atitude tipicamente escolanovista, pois explica uma construção dos números naturais, de maneira lúdica, a partir da concretude de um simples exemplo em que os números desempenham alguma ação. Aliás, no livro, tanto os números quanto os sinais das operações são personificados, ganham vida por isso, apresentam-se para o público: Emília e seus companheiros de aventura. Mas, adiante na obra, Lobato tem uma espécie de recaída, ou simplesmente pode estar testando a ideia de ambiguidade das coisas, como no caso da educação, da qual não se pode simplesmente excluir todos os ensinamentos da escola tradicional, nem adotar plenamente todos os ensinamentos que se dizem melhores porque contemporâneos; por isso ora apela para a imaginação, para uma criação livre e ora apela para a memória; propõe recompensas para as personagens que decorassem a tabuada: laranjas apanhadas no pé. Segundo o livro, laranja é melhor do que palmatória para se aprender Matemática (LOBATO, 1944, p. 101).

A nova moral encontrada nos textos infantis de Lobato é predominantemente laica, conforme pressupunha a filosofia positivista, adotada por intelectuais brasileiros, na época. Isso se deve também ao fato de que sua preocupação com a educação associava-se à sua ânsia por uma Ordem e Progresso, ideologias apregoadas na bandeira nacional brasileira. É relevante mencionarmos essa estreita relação entre Lobato e a Filosofia Positivista de Auguste Comte, cujo lema era “o Amor por base, a Ordem por meio e o Progresso por fim”. O Amor à pátria criou um conceito de brasilidade, um nacionalismo ferrenho, em oposição ao Brasil colônia: Lobato recusou-se a participar da Semana de Arte Moderna de 1922, sob a alegação de que tal marco na história da arte brasileira se inspirava, sobretudo nos “ismos” europeus, o que tornaria a arte brasileira ilegítima, mais uma vez colônia da Europa. A Ordem tem uma conotação social – a educação organizaria a sociedade, visando ao progresso: como já dissemos, Lobato tinha essa constante preocupação com a Educação em virtude de sua ânsia para o Brasil obter o tão sonhado Progresso.

O Positivismo de Comte defendia um conceito de educação enciclopedista, pautado nas ciências. Assim, Lobato, também sob a influência do pedagogo Anísio Teixeira, com quem trocou muitas correspondências, acreditava ser indispensável uma educação científica destinada às crianças (NUNES, 1986). Por isso, acresceu à sua saga os livros de ciências: *Histórias do Mundo para as Crianças* (1933), *Emília no País da Gramática* (1934), *Aritmética da Emília* (1935), *Geografia da Dona Benta* (1936), *o Poço do Visconde* (1937) etc.

Segundo Comte (1798 – 1857), há uma pirâmide de importância das ciências, em sua base encontra-se a Matemática e no seu ápice encontra-se a Sociologia. Lobato parece ter sido tocado pela sociologia positivista, mas especialmente acreditava que educando as crianças da época em que vivera, por meio de sua literatura infantil, formaria os adultos das gerações seguintes.

‘Militante da causa do progresso, Monteiro Lobato percebeu acertadamente que só através dos jovens seria possível apressar a modificação do mundo’. Assim, deduzindo que, ao influir na formação da criança, contribuiria para construir o Brasil do futuro, ele resolve dedicar-se definitivamente aos livros infantis. (AZEVEDO, CAMARGO, SACCHETTA, 2001, p. 311)

Nesse sentido, é interessante mencionar o personagem visconde de Sabugosa,

que, embora não passasse de uma espiga de milho falante, é um símbolo de inteligência e intelectualidade, na obra de Lobato, do pensamento científico, pois morava entre grossos calhamaços da estante de livros de Dona Benta. Assumindo o papel de professor da turma, o Visconde de Sabugosa encarna o que Silva (2013) denominou de Complexo de Professor.

Este complexo está relacionado com a profissão de professor, e se caracteriza por falsificar a imagem do educador como aquele que tem uma imagem neutra, sem cair numa esfera erótica, nem ser alvo de modismo, de comportamento inadequado; o professor, neste caso, está nimbado por uma falsa aura de quem está acima das questões humanas mais pujantes, das banalidades cotidianas que alcançam qualquer sujeito; veste-sede uma falsa aura de humanismo e distanciamento das coisas materiais, devendo se trajar com simplicidade e não exibir condição econômica e nenhum tipo de vício (SILVA, 2013, p. 235).

Segundo o próprio Lobato, o visconde de Sabugosa era uma espécie de “sabiozinho”, aquele que sabe tudo (cf. LOBATO, 2010). Sabia tanto que, aliás, o nome “verdadeiro” da aritmética deveria ser Aritmética do Visconde, justamente por ele atuar como professor ao longo de todo o romance. Isso conferiria, talvez, maior coerência ao nome da obra, uma vez que o visconde sempre foi o símbolo do pensamento científico, comtista e spenceriano ou talvez o *complexo de professor* possa se aplicar ao escritor que se posiciona como o professor, nimbado por uma falsa aura de saber, ignorando que a infância é também um país desconhecido, uma terra de encantos, mas também de surpresas, em que o lúdico e o cômico não se separam com tanta facilidade.

Mas então se impõe novamente a questão: por que o nome Aritmética “da Emília”? por que a Aritmética foi adjetivada por um substantivo, o que significa então, a expressão “da Emília”? Ora, essa expressão atribui uma traquinagem ao título da obra de Lobato.

As lições de Aritmética do visconde foram taquigrafadas por dona Benta, que lhes deu o título de **Aritmética do Visconde**. Mas no dia em que os originais iam ser mandados ao tipógrafo, a diabinha da Emília riscou às ocultas aquele título e pôs outro. Eis o motivo pelo qual a **Aritmética do Visconde** sai com o título de **Aritmética da Emília...** (LOBATO, 1935, 1ª edição, p. 164).

Emília, uma personagem contestadora, traquina, birrenta, mimada, “mal educada”, carregava em si a centelha típica de alguns personagens das histórias de tradição oral. Para fazer um paralelo com a literatura de cordel, Emília desempenha um papel moralizante, mas uma moral às avessas, similar às façanhas do personagem “João Grilo”, amarelo, paupérrimo, nordestino, cujos feitos são lembrados por enganar gentes poderosas, por subverter a ordem social imposta.

Numa poesia de cordel em que um padre, sedento, se chega a João Grilo à procura de água, João oferece ao padre garapa.

Disse ao padre: - Beba mais
Não precisa acanhamento
Na garapa tinha um rato
Estava podre e fedorento
O padre deu uma popa
Disse para o sacristão:
- Este menino é o diabo
Em figura de cristão!
Meteu o dedo na goela
Quase vomita o pulmão (MEYER, 1980, p. 85)

Vale lembrar que a tradição oral e o cordel não advogam uma imoralidade, no

entanto, elas desmentem a máxima de que o “bem” será sempre recompensado (DARNTON, 1986). Emília, embora nunca tenha dado garapa na qual havia um rato morto para um padre, foi objeto de atenção do Padre Sales Brasil, quem, em 1957, escreveu um livro intitulado *A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças* (1957).

No livro *Memórias da Emília* (1936), aparece um anjinho que, naturalmente, estranha a maioria dos objetos da vida terrena. Com uma endiabrada curiosidade, ele pergunta à boneca o que é um “machado”, ao que Emília responde que, na verdade, o “machado é um mudador de árvores – muda a forma delas, fazendo que o tronco e os galhos fiquem curtinhos. Mudam-nas até de nome. Árvore machadada deixa de ser árvore. Passa a ser lenha” (LOBATO, 1936, p. 23). Ao que o anjo pergunta

— É algum deus esse machado tão poderoso assim?

Emília ria-se, ria-se...

— Deus, nada, burrinho! É antes um diabo malvadíssimo, mas diabo sem chifres, sem cauda, sem pés de cabra, sem cabeça, sem braços, sem nada. Só tem corte e cabo... (LOBATO, 1936, p. 24).

Corte e cabo, lâmina e cabo, Emília lembra o quanto a violência pode ser humana, quem mutila as árvores não são os machados, estes são apenas instrumentos/armas nas mãos humanas, é o ser humano quem mutila as coisas, quem as corta, quem muda a forma, quem se apropria da matéria para suas necessidades e até por diversão, brincadeira, deboche, grosseria, perversão, e depois se arrepende ou se faz de arrependido e pede perdão, por isso, é preciso também lembrar que “todo o volume do *Memórias da Emília* é (também) um escárnio à doutrina sobre os anjos e termina mandando às favas a Família católica brasileira” (BRASIL, 1957, p. 125).

Com efeito, Emília desempenha papel desconstrucionista frente às verdades sociais impostas. Conforme Coelho (1981), a boneca se revela como um protótipo mirim do super-homem nietzschiano, sempre questionando as autoridades e disseminando um niilismo filosófico que enlouquecia padres como Sales Brasil... Lobato foi sabidamente leitor e admirador da filosofia de Nietzsche, sobre a qual afirmou o seguinte:

Dum banho em Nietzsche saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer saímos spencerianos; da obra de Kant saímos kantistas; da de Comte saímos comtistas — da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é seguir-nos. “Queres seguir-me? Segue-te!” Quem já disse coisa maior? Nietzsche é potassa cáustica. Tira todas as gafeiras (LOBATO, 2010, p.66).

As palavras do próprio Nietzsche parecem atestar a leitura dos autores da História da Filosofia feita por Lobato, no que tange ao seu olhar sobre a compreensão do passo e construção de um futuro mais vigoroso, conforme Nietzsche na citação abaixo:

Esta é a relação normal que uma época, uma cultura ou um povo devem manter com a história – relação provocada pela fome, regulada pelo grau das necessidades, dominada pela força plástica inerente à cada coletividade: é preciso que o conhecimento do passado seja sempre desejado para servir o futuro e ao presente, não para enfraquecer o presente ou para cortar raízes de um futuro vigoroso. (NIETZSCHE, 2005, p.98-99)

Voltando à expressão “da Emília” pode-se facilmente atribuir-lhe um sentido nietzschiano, de um alguém que lhe dá identidade, que faz prevalecer aquilo que se é, a algum aspecto desconstruidor, é plausível dizermos que faz mais sentido na obra infantil de Lobato que a Aritmética seja de fato “da Emília”, porque é tal como ela, para ela, ao invés de ser do

Visconde...

Pois, assim como a natureza tem necessidade do filósofo, ela tem necessidade do artista, para um fim metafísico, sua própria iluminação, para que lhe seja enfim apresentado numa imagem pura e completa o que, na agitação do seu devir, ela não chegará jamais a ver distintamente – portanto, para o conhecimento de si próprio. (NIETZSCHE, 2007b, p. 180-181)

A Aritmética do Visconde seria uma aritmética dura, exata, sem pieguices, sem comicidade, sem bravatas, seria uma expressão redundante – a aritmética vista do ponto de vista aritmético cai numa racionalidade única e exclusiva como em Sócrates, e para Nietzsche ela pode se tornar uma força perigosa e solapar a própria vida (NIETZSCHE, 1995, p.60)

Quanto à “Aritmética da Emília”, o escritor sugere que o livro pode abordar a tão temida disciplina escolar, a matemática, mas de forma sistematizada e organizada em livros didáticos, de um ponto de vista que incorpora o jogo brinçalhão, o chiste, a suavidade, a surpresa, a estética da arte mediante o imaginário criador na dimensão matemática, tornando-a mais interessante para o pequeno leitor. Assim, a expressão “da Emília” vem justamente para desconstruir e descontraír a sistematização imposta pela ciência aritmética.

Nietzsche, afirma Dias (2007, p.43)

...protesta contra a educação histórica com que os professores pretendiam instruir seus alunos, tornando-os, pelo acúmulo de saber, incapazes de recriar a vida a partir de suas experiências. Convida os jovens a se educarem a si mesmos, de tal modo que pudessem se desfazer de seus hábitos e da educação que lhes fora inculcada (DIAS, 2007, p. 42-43).

Assim, fica-nos a questão, central neste artigo: será que o recurso do escritor de usar como estratégia a imaginação criadora para dialogar com a infância, acendeu uma clareira que fez emergir o imaginário da matemática? Ao criarmos alegorias para dizer aquilo de que não se consegue falar sem o recurso da metáfora, o que comunicamos? Não é dessa forma que nos referimos aos números? O que é um número? Para Emília, número seria aquilo que designamos mediante o número, e nada significaria em si. Por exemplo, enquanto o Visconde afirmaria que um exemplo construído a partir de duas laranjas nada tem a ver com uma suposta essência do número dois, Emília diria que o dois relativo às duas laranjas das árvores da terra são um perfeito exemplo da abstração 2 que habita a terra da matemática. Quais desdobramentos sugerem a leitura interpretativa do trecho: “a Aritmética é um dos gomos de uma grande laranja azeda de nome Matemática”? (LOBATO, 2009, p. 19). A Aritmética habita um país chamado Matemática, uma terra chamada Matemática, a ambiguidade nos nomes “terra” e “país”, em que o gênero se dilui, faz prevalecer a contradição tão cara e tão nietzschiana, por isso, tão lobatiana. Encerramos nossas provocações com duas citações, uma de Nietzsche (1999, p.32): “a arte existe para que a realidade não nos destrua”; outra de Gaston Bachelard (1990, p. 1) que pontua que a imaginação “é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, e sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante”; parodiando Bachelard, não há Emília na obra de Monteiro Lobato.

No que diz respeito a uma proposta de uma linguagem poética da infância na obra de Lobato, parece-nos fundamental considerar relevante tanto uma desconstrução do saber quanto uma construção contínua de saberes, dado que:

É preciso então que o saber se acompanhe de um igual esquecimento do saber. O não-saber não é uma ignorância, mas um ato difícil de superação do conhecimento. É a esse preço que uma obra é a cada instante essa espécie de começo puro que faz de sua criação um exercício de liberdade. (...) (BACHELARD, 1972, p. 16).

Notas

³Aqui, Lobato confundiu algarismo com número. O correto seria “os outros números são feixes de uns”

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1972.
- _____. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes: 1990.
- CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato: vida e obra**. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- COELHO, N. N. **A Literatura Infantil: história, teoria e análise: das origens orientais até os dias de hoje**. São Paulo: Quíron, 1981, 419p.
- DARNTON, R. **O Grande Massacre de Gatos: e Outros Episódios da História Cultural Francesa**. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Scipione, 2003.
- GOUVÊA, M. C. S. “**A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim**” in LOPES, E, M, T et all: **Lendo e Escrevendo Lobato**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 13 a 31.
- LOBATO, J. B. R. M. **A Barca de Gleyre**.. São Paulo: Globo, 2010, p.595.
- LOBATO, J. B. R. M. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Globo. 2009, 245p.
- LOBATO, J.B.R.M. **Arimética da Emília**. 4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1944, p.175.
- LOBATO, J.B.R.M. **Dom Quixote das crianças**. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1940. 172p.
- LOBATO, J.B.R.M. **Aritmética da Emília**. 1º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1935, p.167.
- LUIZ, F. T. **Reinações na Jecatatuásia: aspectos estéticos-sociológicos da arte segundo Monteiro Lobato**. São Paulo:Unesp-Assis (Mestrado), 2009, 372p.
- MEYER, M. **Autores de Cordel/ seleção de textos e estudo crítico por Marlyse Meyer**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1980.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **O nascimento da tragédia**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **II Consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.
- _____. **Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino**. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007a.

_____. **III Consideração Intempestiva** - Schopenhauer como educador. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007b.
NUNES, C. **Monteiro Lobato vivo**. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986. 305p.

OLIVEIRA, A. G. (2015). **Memórias das Aritméticas da Emília**: o ensino de aritmética entre 1920 e 1940. São Paulo: Rio Claro. Tese de Doutorado em Educação Matemática. PPGEM. Unesp. Rio Claro

SILVA, L. B. O. Os **Complexos Imaginários**: imagens, estereótipos e obstáculos.. Curitiba:CRV, 2013.

Recebido em: 12/12/2016
Aprovado em: 17/03/2017